

foco - Brasil 4 FEVEREIRO 1987

O Brasil parando enquanto Funaro trata de "picolés"

Violentamente castigada pela experiência do Plano Cruzado, a economia brasileira vem apresentando um conjunto de indicadores alarmantes. Aumentam a cada dia as dificuldades produtivas, semiparalisadas pela total anarquia dos preços relativos, pelas fortes pressões inflacionárias e pelo descontrole das taxas de juros. Sinal inequívoco dessa insuportável situação é a preocupante escassez de insumos, bens intermediários e produtos finais responsável pelo esvaziamento das prateleiras das lojas e supermercados.

Dos pequenos aos grandes empresários, dos consumidores mais humildes aos de altas rendas, todos estão inquietos com o presente quadro da economia que, como já dissemos nestas notas, mais parece um avião desgovernado nas mãos de pilotos inexperientes. Que país é este (para lembrar a famosa frase do ex-governador Francelino Pereira), em que o presidente da maior federação industrial vê-se obrigado a dar um ultimato ao governo, a fim de que empresários do setor privado tenham o direito de reajustar os preços de seus produtos de acordo com a evolução dos custos? Que país é este, no qual as taxas de juros andam pela casa dos 450% ao ano (na captação) e o Banco Central fixa a taxa das operações do overnight em 23% ao mês, admitindo publicamente que a inflação atual supera os 15% ao mês?

Este país, sentimos enorme tristeza em dizê-lo, é o sofrido Brasil, onde as autoridades se preocupam em determinar a margem de lucro dos sorveteiros, enquanto as reservas internacionais vão minguando para um valor incompatível com a condição de oitava economia do mundo capitalista. Com grande atraso, sabe-se agora que o País estava com reservas de US\$ 5,5 bilhões em outubro do ano passado, quando, em virtude da deterioração do superávit comercial, o governo foi obrigado a usar US\$ 1,2 bilhão para pagar importações e outros compromissos externos. Considerando-se que a situação da balança comercial continua difícil, o volume de reservas restante deve ser suficiente para apenas pouco mais de dois meses de importações. Isso significa que a economia brasileira está a um passo da centralização das operações de câmbio e de uma falta de produtos importados, pois as autoridades tenderão a arrochar as licenças de importação enquanto durar o período de sufoco cambial.

Mas não é só. Como diz o economista Francisco Lopes, um dos pais do Plano Cruzado, ao contrário da Argentina, que "conseguiu uma saída mais ou menos controlada do congelamento" e manteve a inflação em 88% em 1986, o Cruzado "tornou-se vítima de uma saída desorganizada e potencialmente explosiva do congelamento", apesar de ter conseguido resultados bem melhores que os do Plano Austral na fase inicial. Essa saída desorganizada a que se refere o economista ameaça precipitar a economia brasileira num processo hiperinflacionário. Não é de estranhar, portanto, que as bolsas de valores, que vêm sofrendo quedas acentuadas, estejam sendo influenciadas por um clima de pessimismo tão forte como o otimismo que caracterizou os primeiros tempos do Plano Cruzado.

Todos esses sinais apontam para a urgente necessidade de substituir a atual equipe econômica, que já não conta com a credibilidade indispensável para corrigir seus erros, nem para apresentar à Nação uma nova estratégia para vencer a crise. Na verdade, as declarações das principais autoridades econômicas já não inspiram confiança tanto interna quanto externamente. Esse fato se confirma inclusive pelas palavras do próprio presidente do Banco Central, Fernão Bracher, que já não sabe o que dizer para nossos credores externos diante da volatilidade de nossa política econômica.

Enfim, há uma insegurança generalizada sobre o comportamento da economia brasileira nos próximos meses e uma certeza de que o Plano Cruzado está morto e sepultado. Apenas o presidente da República e seus assessores do Olímpio de Brasília ainda não tomaram conhecimento dessa realidade. Basta ler o que disse o presidente ao saudar a Assembleia Constituinte. Para ele, "o Plano Cruzado foi e é (sic) um grande êxito. Vamos completar um ano do Plano Cruzado em 28 de fevereiro. E nesse ano o Brasil foi o país que mais cresceu no mundo ocidental, o ano em que o desemprego esteve mais baixo... Os trabalhadores tiveram ganhos reais... O País encontrou seu caminho, fizemos escolhas de prioridades e saímos daquele dilema clássico inflação/recessão"...

A leitura dessas palavras do chefe do governo nos deixa perplexos. Por várias razões. Primeiro, porque elas mostram um distanciamento incrível entre o Brasil real e o Brasil do governo. O Brasil real é o que descrevemos no início desta nota, precipitado nos problemas do abastecimento, dos preços em desalinho, das reservas em queda livre. Crescemos muito, é verdade, mas antes nossa economia tivesse tido uma expansão mais moderada, pois o custo desse mini boom será, provavelmente, uma recessão determinada pelo estrangulamento externo, em razão dos inevitáveis problemas do balanço de pagamentos e da fuga dos investidores, nacionais e estrangeiros, que não desejam empenhar seus recursos em uma economia de preços administrados pelo governo. Termos pouco desemprego, é certo, porém o risco hoje é de uma estagnação que vai interromper a criação de novos postos de trabalho e ameaçar a recuperação do emprego que vinha acontecendo desde 1984.

Ninguém duvida também que os trabalhadores tiveram ganhos reais. Afinal, os preços estavam congelados e os salários em ascensão. Só que agora, em virtude da inflação real (e não da medida de mil formas diferentes pelo IBGE), esses ganhos poderão se transformar em fumaça...

Por tudo isso, julgamos que é tempo de o governo parar de vez com paliativos como esse hipotético pacto social ou com as demoras causadas por ridículas "divergências" entre os ministérios da Fazenda e do Planejamento. Enquanto o governo hesita, o povo e a economia sofrem. E esse sofrimento não aparece na rotineira literatura dos discursos oficiais.